

RUBEM BRAGA

PRIMAVERA

Mas também não avisam nada! Foi por acaso que eu notei: a primavera chegou. Olho pela janella e vejo um céu esbranquiçado e murcho. Na agua cinzenta do rio arrasta-se uma chata de carvão. E um debil mormaço faz a cidade quasi feia. Ah, mas não tem importancia. Leio no cabeçalho do jornal: terça-feira, 26 de setembro de 1939. Assim, pois, a primavera chegou, e é de meu dever dirigir-lhe as saudações de praxe. Não vejo flôres nem ao menos sol, nem ao menos céu azul. Que importa a má vontade da natureza? A primavera chegou. Naturalmente viajou incognita e anda por ahi disfarçada. Mas enfim é a primavera, e cumpre exaltá-la.

E' verdade que não ouço canto de passaros. Da rua vem apenas o ruido de um bonde um pregão sem graça, a busina de um carro. Não vejo arvores: vejo casas, paredes, muros, chaminés. Está visto que não posso fazer um poema nem mesmo em prosa para essa primavera. Não é possível. Tudo o que essa manhã inspira é um bocejo. Ainda si houvesse nymphas bailando pelo meio fio! Vejo apenas, ao longo da calçada, uma senhora gorda, um menino e dois sujeitos que andam conversando. Na esquina apparece uma carroça. Si houvesse nymphas, estaria bem. Com nymphas é bem facil cêr em primaveras, mesmo que as nymphas dansem "swing". Mas não ha em absoluto nymphas. A única novidade neste momento em minha rua é um carro do entreposto de leite. Talvez a Prefeitura, para honrar a primavera, tivesse a obrigação de contractar nymphas e fazel-as bailar pelas esquinas. Mas o dr. Loureiro da Silva não pensa nessas coisas. Anda preocupado com bondes, saneamentos, gaz, desapropriações. Oh, o grosseiro materialismo do seculo! Na verdade precisamos de nymphas e não de bondes. E' verdade que haveriam de ser nymphas decentemente vestidas; mas, mesmo decentemente vestidas, nymphas são nymphas. Pelo amor de Deus, não pensem que estou exigindo que se abram concursos para empregos de nymphas em alguma repartição

municipal. Não, não pretendo nymphas funcionarias. Mas poderiam ser contractadas. Os postes seriam enfeitados com flôres de papel. E' verdade que essas flôres não têm perfume. Mas as perfumarias locais poderiam ser encarregadas dessa parte, installando pulverizadores em todas as quadras. Com isso e com nymphas — talvez fosse util contractar a orchestra de Paulo, o Gordo, — teriamos uma primavera mais ou menos apresentavel. Certamente não seria uma primavera ás direitas, como as dos romances e dos cinemas; mas em todo caso seria uma primavera á altura de nossas possibilidades.

Com referencia aos cantos dos passarinhos, ha excellentes discos allemães e americanos contendo o canto dos mais variados passaros. Esses discos poderiam ser tocados nas casas de familia e nas emissoras da capital, sendo installados altofalantes nas praças publicas.

Ahi ficam essas sugestões. Não espero que ellas sejam acceitas. Os homens de governo vivem preocupados com os assumptos mais mesquinhos. Uns estão entregues ao tabellamento dos generos de primeira necessidade, outros falam em estradas de rodagem, outros catam dinheiro para fazer sonas escolares. Essa gente só pensa em comida! Sou o unico homem espiritualista nesta cidade prosaica. A primavera chegou — e ninguem moveu uma palha para recebê-la! E' verdade que ha uma tal festa da arvore. Não sei si fizeram ou estão fazendo isso por ahi nas escolas publicas. De qualquer modo, será uma primavera puramente didactica; não interessa.

Estou cansado de escrever. Olho embalde pela janella. Vejo apenas uma preta carregando uma marmitta — comida, sempre comida! — um carteiro, uma carroça e dois operarios. Sou capaz de apostar que nenhum desses individuos está pensando na primavera. Que fazer? Cumpro aqui o meu dever: escrevo sobre a primavera. Oh vós, meus companheiros desta motmaceutia urbs materialista, detei-vos um momento e dizei commigo, heroicamente: salve a Primavera!